

# CONTOS NA IMPRENSA: DÉLIA E A NARRATIVA BREVE

## *SHORT STORIES IN THE PRESS: DÉLIA AND THE BRIEF NARRATIVE*

Claudia Barbieri  
UFRRJ

**Resumo:** O artigo tem por objetivo principal resgatar na imprensa a produção contística de Délia, pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895). Ao longo de quinze anos, a escritora colaborou regularmente com diversos periódicos, como a *Gazeta da Tarde*, *O País*, *O Tempo*, entre outros. Os contos representam uma fração significativa da sua obra, porém ainda destituída de estudos específicos. O texto se organiza em duas partes: a primeira compreende um perfil biobibliográfico da autora, com apresentação de uma listagem de mais de sessenta contos esparsos publicados nos jornais. A segunda se detém em quatro folhetins epistolográficos, destituídos de título, onde Délia discorre sobre si, sobre a recepção crítica de sua obra, sobre ser escritora e mulher na segunda metade do século XIX.

**Palavras-chave:** Délia; Maria Benedita Câmara Bormann; Imprensa feminina; contos breves.

**Abstract:** *The main objective of this article is to rescue in the press the short story production of Délia, pseudonym of Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895). Over the course of fifteen years, the writer has regularly collaborated with several periodicals, such as Gazeta da Tarde, O País, O Tempo, among others. The short stories correspond to a significant fraction of her work, but still lacking specific studies. The text is organized in two parts: the first comprises a bio-bibliographic profile of the author, with the presentation of a list of more than sixty short stories published in the newspapers. The second focuses on four epistolographic texts, untitled, where Délia talks about herself, about the critical reception of her work, about being a writer and a woman in the second half of 19<sup>th</sup> century.*

**Keywords:** *Délia; Maria Benedita Câmara Bormann; Women's press; Female characters.*

### PREÂMBULO

Em 4 de setembro de 1937, a Revista *Fon-Fon*, importante periódico do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, publicou um pequeno texto sobre a escritora Délia, na seção “Mulheres Célebres”. O articulista, que assinava como D. Jayme, incorreu em múltiplos equívocos na breve apresentação feita, começando pela grafia do sobrenome da escritora (Borghman), passando pela errônea data de seu falecimento (15 de maio de 1896) e concluindo com juízos

generalizantes sobre a sua obra. Apesar de reconhecer que o silêncio excludente da crítica se devia ao fato de ser Délia uma mulher que havia se dedicado à vida das letras, D. Jayme sentenciou que a vocação literária da escritora não era verdadeiramente profunda e, portanto, seus triunfos tinham sido efêmeros. Contudo, o perfil terminava de forma contundente: “Houve tempo em que o Rio de Janeiro todo somente falava do que Délia havia escrito ou publicado. Hoje, a pergunta natural é esta: — Quem era Délia?” (D. JAYME, 1937, p. 50).

De fato, a história da literatura brasileira escrita sobre a segunda metade do século XIX condenou o nome de Délia ao ostracismo. Os primeiros estudos que buscaram recuperar a obra da escritora datam da década de 1980, devido à pesquisa de Norma Telles, e ainda há muito por ser feito. Teses e dissertações têm versado essencialmente sobre os romances e são fundamentais contributos de resgate. Este artigo, metodologicamente, organiza-se em duas partes principais, tendo dois objetivos: o primeiro, apresentar informações biobibliográficas, com destaque para uma listagem breve de contos publicados esparsamente pela escritora em diversos periódicos, com a intenção de abrir caminho para pesquisas futuras sobre a arte contística de Délia; o segundo, debruça-se mais detidamente sobre quatro folhetins específicos, sem título, do início de 1884. O interesse pelos textos se justifica pois não são contos ficcionais e, sim, espécie de troca epistolográfica entre a escritora e uma suposta amiga chamada Noemia. Muito pouco se sabe sobre a vida de Délia e nesses folhetins lemos a autora discorrer sobre si, sobre a recepção crítica de sua obra, sobre ser uma mulher escritora e sobre o meio social que a cerca. Tais informações não figuram em nenhum outro trabalho sobre Délia e tornam-se únicas pelo que possibilitam de desdobramento.

Sobre a relevância do conjunto de contos da autora, basta citarmos o “Plebiscito Literário Português”, organizado pelo periódico *A Semana*, entre 14 e 23 de novembro de 1893. O jornal buscou responder, por meio de consulta aos leitores, “quais seriam os seis melhores contos escritos por literatos brasileiros”. Entre a listagem dos autores elegíveis, ao lado de nomes como Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Domício da Gama, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Arthur Azevedo, Raul Pompeia, Aluísio Azevedo, e outros, aparece o pseudônimo de Délia. É sintomático constatar que os nomes masculinos permaneceram em todos os compêndios de história da literatura, ao contrário do que aconteceu com Júlia Lopes e Délia.

É importante frisar que não há nenhum livro publicado, até a presente data, que reúna os contos da autora, portanto, todas as referências têm de ser feitas a partir dos periódicos. A dificuldade de localização e de acesso aos textos implica, naturalmente, na ausência de artigos e outros trabalhos de fôlego sobre a narrativa breve de Délia. Assim, o presente trabalho pretende dar início ao preenchimento de lacuna tão expressiva, com a consciência de que muito ainda está por ser dito e revelado.

## **DÉLIA: UM PERFIL INCOMPLETO**

Maria Benedita da Câmara Bormann nasceu em Porto Alegre (RS) em 25 de novembro de 1853, mudando-se com a família para a corte em 1862. Dez anos depois, casou-se com o tio

materno, o capitão José Bernardino Bormann, com quem não teve filhos. Há relatos de que o casal vivia distante a maior parte do tempo, uma vez que o trabalho militar mantinha José em outras localidades por largos períodos. Andradina de Oliveira, no livro *A mulher Riograndense*, de 1907, escreveu que Bormann teria se separado do marido, entretanto, na certidão de óbito da escritora, não havia nada que comprovasse o divórcio oficialmente.

A partir de 1879, Maria Benedita adota o pseudônimo de Délia<sup>1</sup> nos seus escritos para a imprensa. Até o seu falecimento, ocorrido em 23 de julho de 1895, a escritora será colaboradora recorrente em diversos periódicos como *Sorriso*, *Cruzeiro*, *Brasil*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *A Família*, *O Tempo*, *A Notícia*, entre outros. Em letra redonda irá publicar ao menos sete romances, a maioria em folhetins, sendo alguns reunidos em volume posteriormente, além de contos breves e crônicas esparsas. Em ordem cronológica temos:

*Madalena*, datado de 1879, mas publicado em 1881, no *Sorriso*. No mesmo ano escreveu *Estela* e *Estrelas Cadentes* para o *Cruzeiro*, textos ainda não recuperados. O ano de 1883 foi particularmente intenso na carreira literária de Délia. Datam desse ano a redação dos romances *Aurélia*, publicado em folhetins na *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio, entre 5 de novembro e 17 de dezembro; *Dois Irmãs* e *Uma Vítima*, sendo esse último publicado também em folhetins no mesmo periódico entre 18 de fevereiro e 19 de março de 1884. Pouco depois, saíram reunidos em volume editado pela Tipografia Central de Evaristo Costa, os três títulos: *Madalena*, *Dois Irmãs* e *Uma Vítima*. *Aurélia* também figura como livro nos anúncios da *Gazeta*, sendo vendido na própria tipografia do jornal pelo valor de 1\$000 (mil-réis).

Nesse período, Délia dividia a coluna ao longo da semana com o ator Vasques e Cardozo de Menezes, publicando diversos contos, sempre às quartas-feiras. Ainda em 1884, teria escrito o romance *Lésbia*, considerado sua obra-prima, mas publicado apenas em 1890, em volume, pela mesma Tipografia Central de Evaristo Costa<sup>2</sup>. N’*O País*, publicou em folhetins *Angelina*, entre 18 de setembro e 30 de novembro de 1886. A partir de 1889, passa a contribuir com contos breves, de forma esporádica, para o periódico - inicialmente paulista - *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo, ao lado de outras escritoras de vulto como, por exemplo, as portuguesas Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torrezão e as brasileiras Anália Franco, Maria José Canuto, Júlia Lopes de Almeida e Revocata de Mello.

Entre 1890 e 1891, publicou o romance *Lésbia*, e dois folhetins para *O País*, particularmente interessantes: *A estátua de neve*, entre 14 e 15 de dezembro de 1890 e *O crime do convento de...*, em quatro partes, entre 3 e 6 de setembro de 1891. O folhetim foi inspirado em um fato, ocorrido em Lisboa, em 23 de julho do mesmo ano: o estupro seguido de assassinato da jovem Sara Matos, interna no Convento das Trinas. Os periódicos publicaram diversas notícias sobre o bárbaro crime

<sup>1</sup> Para outras informações biográficas e análise sobre a escolha do pseudônimo da escritora, ver o trabalho da estudiosa Norma Telles, como o esboço publicado no livro *Escritoras brasileiras do século XIX*, de 1999, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. Desde o seu doutoramento, em 1987, Norma Telles é, entre nós, um nome de destaque pelo trabalho minucioso de resgate da obra de Délia. Muitos romances estão disponibilizados no projeto “Coleção Rosas da Leitura”, acessíveis gratuitamente em formato PDF, no site da estudiosa.

<sup>2</sup> Os romances *Aurélia* e *Lésbia* foram reeditados pela Editora Mulheres em 2014 e 1998, respectivamente. *Celeste* recebeu a reedição pela Editora Presença em 1988.

e a escritora tratou do assunto literariamente, alterando nomes e dando punição para o estuprador e para a abadessa que administrou o veneno na tentativa de acobertar o crime<sup>3</sup>.

Entre janeiro e maio de 1892, divide ao longo da semana uma coluna n' *O País*, localizada à esquerda da primeira página, onde assina diversos contos breves, também às quartas-feiras. O mesmo espaço era ocupado nos outros dias por Pinheiro Chagas, José Fino (possível pseudônimo de José Júlio da Silva Ramos), Figueiredo Pimentel, Coelho Neto, Rodrigues de Freitas e Ignotus (pseudônimo utilizado anteriormente por Joaquim Serra).

Por fim, é preciso fazer uma breve correção. Em alguns trabalhos que tratam sobre os romances de Délia, há a informação que *Celeste* teria sido publicado primeiro em volume, em 1893, pela editora Magalhães & Companhia e, depois, em folhetim, em 1894, pela *Notícia*. Esses dados constam na página *online* de Norma Telles, bem como na tese sobre a escritora de Javer Wilson Volpini, defendida em 2019, na Universidade Federal de Juiz de Fora (VOLPINI, 2019, p. 139). Entretanto, por provável desconhecimento dos estudiosos mencionados, é preciso informar que o romance foi publicado em folhetim ainda em 1893, no *Tempo*, entre 13 de abril (edição 679) e 29 de maio (edição 717) e a edição em volume ocorreu quase simultaneamente. O primeiro anúncio de venda do romance editado no periódico data de 1º de maio, quando o folhetim estava no número 18. A versão seriada da *Notícia*, de 1894, não foi localizada<sup>4</sup>. O último trabalho de Délia mencionado por Telles é *Milady*, publicado em maio de 1895, na *Notícia*, mas o texto ainda não foi recuperado. Os exemplares digitalizados pela Hemeroteca Digital, para o ano de 1895, têm início na edição 171, de 2 de julho, não compreendendo o período almejado.

Quando Bormann faleceu, em 23 de julho, vítima de uma úlcera no estômago, diversos jornais noticiaram a sua morte, ao contrário do que disse Ignez Sabino (1853-1911), importante escritora contemporânea de Délia, em um texto icônico sobre a autora publicado no livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, de 1899. Sabino menciona as notas exíguas d' *O País* e d' *A Gazeta* e completa: “Ela descia ao túmulo, obscura, como qualquer vulgaridade, sem os necrológios da Imprensa, sem grinaldas em exposição, sem missa de réquiem, sem coisa alguma enfim que simbolizasse esse pesar mundano, mentido embora, mas que na ocasião satisfaz e consola os que ficam” (SABINO, 1899, p. 191-192). Devemos à escritora Ignez Sabino, também, a referência de Délia como “Zola de saias”, aproximando sua escrita da estética naturalista do autor francês (IDEM, p. 196). É curioso que outros jornais também mencionam o silêncio da imprensa sobre a morte de Délia, contudo, encontramos ao menos outros seis textos<sup>5</sup> - para além dos dois elencados por Sabino - nas semanas subsequentes.

A ideia de silêncio surgiu, muito provavelmente, do tempo decorrido entre a sua morte e

<sup>3</sup> Outras informações sobre o assunto podem ser encontradas no texto “Um folhetim inédito de Délia: o crime no convento de... (1891)” de Sérgio Barcellos Ximenes.

<sup>4</sup> Ana Lice Brancher, em um artigo que trata especificamente sobre o romance *Celeste*, intitulado “Uma outra possibilidade de ser/ler mulher: Délia”, de 1991, informa que o folhetim de 1894 teria sido publicado em “*A Gazeta*”, do RJ. Entretanto, em buscas realizadas para o ano de 1894, não encontramos o folhetim na *Gazeta da Tarde* e tampouco na *Gazeta de Notícias*.

<sup>5</sup> *O País*, 29/7/1895, ed. 3953, p.2; *Gazeta da Tarde*, 30/7/1895, ed. 208, p. 1; *Gazeta de Notícias*, 31/7/1895, ed. 212, p. 1; *Diário de Notícias*, 1/8/1895, ed. 3648, p. 1; *Cidade do Rio*, 1/8/1895, ed. 173, p. 1; *A República*, 1/8/1895, ed. 174, p. 1; *O Fluminense*, 4/8/1895, ed. 2810, p. 1 e *A Notícia*, 15/8/1895, ed. 210, p. 2.

a divulgação dela nos jornais. Contudo, como sabemos muito pouco sobre a biografia e sobre as circunstâncias do seu falecimento, é difícil buscar uma explicação para o fato. Até amigos mais próximos demoraram para ter conhecimento da notícia, como expôs V. de Algerana, anagrama utilizado por Alvarenga Fonseca, no *Diário de Notícias*: “Só ontem, oito dias depois, soube que sucumbira, à cruel enfermidade, a talentosa escritora Délia [...]” (ALGERANA, 1895, p. 1).

Dos “necrológios” publicados, três merecem especial atenção pelo que revelam. Todos exaltam o talento da escritora, alguns louvam seu envolvimento direto nos movimentos abolicionistas, outros ressaltam aspectos da sua vida reservada, como Ferreira de Araújo, na nota que assina como L. S., na *Gazeta de Notícias*: “Deve ter sofrido muito para chegar ao pouco caso que nestes últimos anos fazia de todos, e principalmente de si, essa criatura que poderia ter sido boa, se a sorte a tivesse guiado por outro caminho” (1895, p. 1). Comentários sobre o fado desditoso da escritora são frequentes nessas notas de expressão de luto, muitas vezes servindo de argumento para a pouca receptividade de Délia nos seus últimos anos de vida.

Do texto de V. de Algerana, precisamos recuperar ainda a importante passagem:

Conheci-a, nos bons tempos da propaganda abolicionista, de que ela foi um dos atletas; colaborava na *Gazeta da Tarde*, e o maior elogio que lhe posso fazer sobre o modo por que já escrevia nesse tempo é que, antes de conhecê-la, nunca supus que os seus escritos fossem devidos à pena de uma senhora... Afigurava-se-me um jornalista de pulso, desses experimentados nos segredos da imprensa. Délia não era somente *contense* e romancista; o seu talento passeava à vontade, do artigo de fundo ao noticiário, da seção alegre e despreziosa à notícia pesada e grave (ALGERANA, 1895, p. 1).

Tal depoimento é muito representativo da mentalidade patriarcal vigente na época, quando Algerana ressalta que a apreciação dos textos publicados o conduziu à suposição errônea de que fossem escritos por um homem. Era comum nos jornais o elogio da obra feminina por esta comparação com a verve masculina: nesses casos, a qualidade dos textos mais apreciada era a sobriedade, ou seja, o sentimentalismo presente era equilibrado, desprovido de excessos piegas e sentimentais. Tal aproximação não partia apenas da pena masculina. A *Gazeta da Tarde* transcreveu uma pequena apreciação sobre Délia extraída do periódico feminino *A Mulher*, em 22 de novembro de 1883, onde lemos: “A *Gazeta da Tarde* enriquece suas colunas, com o trabalho encantador deste espírito másculo, deste cérebro de concepções sublimes, do gênio que eternizará o seu nome. E venham ainda dizer-nos: A mulher não pode competir intelectualmente com o homem!” (ed. 273, p. 2).

O que fica implícito, entretanto, nesse tipo de abordagem, é que a autoria feminina deveria possuir marcas que a distinguissem, ou seja, uma mulher normalmente escrevia sobre assuntos emotivos referentes à sua atmosfera (casamento, lar, família, amor), tendo por fito outras mulheres leitoras. Isso equivale dizer que certos assuntos e tratamentos estavam vedados, como o desejo, a sexualidade, o adultério, a igualdade entre os sexos. No texto de homenagem, Algerana prossegue nas suas lembranças e afirma que o talento da escritora muito contribuiu para o descaso com o

qual foi tratada, dizendo que se Délia tivesse aberto uma “taberna com comida”, talvez tivesse sido mais feliz. Dito de outro modo, se Délia tivesse permanecido no seu papel social (de filha, irmã e esposa) e não tivesse dispendido energia na construção de uma carreira literária, muitos dissabores poderiam ter sido evitados. O jornalista menciona ainda a variedade da produção de Délia: contos, romances, artigos de fundo, noticiários. Essa informação demonstra quanto ainda está por ser descoberto sobre a escritora, uma vez que na pesquisa realizada, não foram encontrados artigos seus, o que não significa que eles não existam.

De forma curiosa, Algerana não foi o único que ficou com a dúvida inicial sobre o gênero por trás do pseudônimo Délia. Em um folhetim assinado por Pasquarelli, no *Diário do Brasil*, de 15 de março de 1884, o articulista interpelou:

O leitor tem lido alguma coisa da lavra de Délia? Que lhe parece? Será com efeito mulher ou homem que *à sensation* se encobre com aquele pseudônimo? Cá por minha parte, confesso que ainda ponho minhas dúvidas sobre o sexo de Délia. E como não ser assim? Pois o leitor leu o último folhetim da espirituosa escritora? Leu, já sei. Diga-me uma coisa: já viu alguma escritora dizer, por exemplo: como a pérfida amante, que *nos* abandona? Aquele *nos* desmanchou a igrejinha de Délia. Está descoberta a troça. É homem. [...] (PASQUARELLI, 1884, p. 2).

O folhetim de Délia - a que se refere Pasquarelli - é “Mártir da Ciência”, publicado na *Gazeta da Tarde*, três dias antes. A dúvida, em tom de gracejo do colunista não procede, pois se trata no texto da perspectiva de uma personagem masculina, o Dr. Gustavo<sup>6</sup>. Entretanto, uma vez que a escritora se utilizou de uma comparação franca, ultrapassando os limites previstos para o conhecimento feminino sobre certos assuntos, foi o suficiente para gerar a dúvida. Há ainda de se considerar, claro, a sugestão irônica sobre a sexualidade da escritora, pois Pasquarelli chegou mesmo a exclamar: “Pois haverá mulher que tenha *pérfida amante*? Sim, para dizer que *nos* abandona... [...] Délia, mulher, abandonada por pérfida amante!”. Sobre as palavras do colunista, uma última observação. Ao questionar o leitor sobre o fato de ter lido ou não o último folhetim de Délia, Pasquarelli respondeu prontamente: “Leu, já sei”. Isso corrobora a fala já citada do D. Jayme na *Fon-Fon*, de que Délia, no seu tempo, era lida por muitos e seus textos eram comentados e discutidos largamente.

Voltando aos necrológios, o segundo artigo que gostaríamos de recuperar, não possui assinatura, e foi publicado na *Cidade do Rio*. Apesar da citação ser um pouco extensa, ela é essencial:

Pobre Délia! Que morte silenciosa! Como deve ter sido horrível a sua agonia. [...] Cônsua da sua beleza, e do seu talento, a pobre Délia sonhou ser uma individualidade. Não quis submeter-se ao cativo dourado do seu sexo, ao embuste de todos os instantes, à máscara de toda a vida. Délia era só de si mesma. Tinha a vida morta das estátuas. Toda ela era fria,

<sup>6</sup> A passagem do folhetim é a seguinte: “[...] Um suspiro profundo, partido do íntimo d’alma, saiu-lhe do peito: era uma saudade pungente da cirurgia, dessa veemente paixão que o inutilizara e que ainda prezava, como se adora a pérfida amante, que nos abandona! [...]” (DÉLIA, *Gazeta da Tarde*, 12/3/1884, ed. 59, p. 1).

apesar do calor que refrangiam as suas linhas esculturais, e o fogo que ela dava à sua expressão.

[...] O seu talento começou a ser abafado pela pilhéria bestial do meio. Pobre Délia, quanta gente sem ter a décima parte de seu merecimento, está por aí a ser aplaudida e a querer forçar a admiração tendo posturas literárias, com a regularidade das galinhas!

Os seus livros vão ficar aí para o lado, ninguém se dará o trabalho de estudá-los. Serão filhos naturais, porque acontece aos livros o mesmo às crianças, quando não têm um pai que os legitime. O preconceito, o sumo pontífice da igreja da covardia humana excomunga o trabalho literário da mulher, quando ela não obedeceu em tudo à liturgia da mentira. A mulher não deve escrever com a pena, mas com a ponta da agulha. Para que uma escritora seja respeitada é preciso que o marido apresente ao mundo os seus trabalhos literários, do mesmo modo que os filhos. O gabinete da literata deixa de ser um templo desde que não abre sobre a alcova conjugal.

Imaginem o escândalo que daria uma pintora, que a exemplo dos colegas masculinos, pintasse o homem triunfalmente nu na hora do amor! Délia quis ser ateniense; faltavam nos jardins da sua fantasia os grandes homens para canonizá-la a liberdade. Morreu sem triunfo, e foi melhor assim. O seu cadáver mesmo era capaz de rir-se do pranto convencional dos necrológios.

Dorme em paz, pobre Délia (*Cidade do Rio*, 1895, p. 1).

Pena desconhecermos a autoria do texto, pois as considerações são lúcidas e bastante precisas. De fato, os romances de Délia permaneceram por largo período em completo esquecimento. Alguns críticos coevos culpabilizaram sua personalidade forte, seu olhar “cínico” e questionador, julgando a obra pela biografia. Sem uma figura masculina que legitimasse o trabalho, fosse na assinatura ou na apresentação dos livros para a sociedade, a figura de Délia tornou-se transgressora ao não se submeter às regras vigentes e ao “cativeiro dourado do seu sexo”. Margareth Rago afirma que a escrita feminina não era apenas uma possibilidade de evasão para as mulheres do seu papel social, mas, “sobretudo uma forma diferenciada de inserção na esfera pública, fundamentalmente masculina, subvertendo valores e códigos dominantes (RAGO, 2005, p. 199). O nome de Délia não ficou gravado na história da literatura por ser uma mulher autora nas últimas décadas do século XIX e por seus romances e contos abordarem assuntos polêmicos para a época, como o desejo, a liberdade sexual feminina, a educação igualitária para as mulheres, o aborto e o suicídio. Por vezes, temas mais comuns, tornavam-se delicados pelo modo como os arranjava literariamente. Os casamentos acordados pelas famílias, por exemplo, quando tinham por base benefícios financeiros, nas palavras de Délia, no conto “O louco”, eram “medonha prostituição efetuada e sancionada pela igreja”. Em uma única frase a escritora atacava duas instituições sagradas e mantenedoras do *status quo* social na época: a família e a igreja, coadjuvados pela conviência hipócrita da sociedade coeva. As denúncias abundantes também estavam presentes nas suas páginas ao tratar da violência física, sexual e psicológica sofridas por mulheres dentro de seus lares. Os agressores são muitos: pais, irmãos, padrastos, maridos, amantes.

A liberdade de escrita causou-lhe muitas críticas, como as de Araripe Júnior, sobre os romances *Lésbia* e *Celeste*. Sobre o último, para o autor, na “literatura brutal” de Délia a protagonista Celeste era uma “erotomaniaca, mal dissimulada” e não passava “de uma moça doida, uma avoadada como se diz vulgarmente, mal ensaiada e ainda pior descrita”. Na sequência, escreveu que “os temperamentos fortemente obscenos” continuavam tentando a escritora, mas a sua pena, apesar disso, permanecia “incolor, inexpressiva, completamente ausente de veemência que poderia resgatar o erotismo desbragado das suas heroínas”. Arremata o comentário afirmando que Délia pretendia discutir nos seus livros “fatos que a moral” condenava (ARARIPE JÚNIOR, 1963, p. 172). Ao trazer para a literatura assuntos considerados tabus na escrita feminina, Délia se transformou em um alvo fácil. O conservadorismo exacerbado de Araripe Júnior condenou com mais ou menos rigor *A carne* de Júlio Ribeiro, *A normalista* de Adolfo Caminha e *O aborto* de Figueiredo Pimentel. Entretanto, se havia alguma condescendência para a licenciosidade manifesta na escrita masculina, o mesmo não poderia ser permitido na obra de mulheres.

A condição feminina perpassa o terceiro e último necrológio de que trataremos. Escrito pelo polígrafo Figueiredo Pimentel, sob o pseudônimo Heitor Vasco, n’*A Notícia*, o texto traz uma valorosa interpretação, a despeito da linguagem dramática empregada:

Délia foi sempre uma caipora – toda sua vida passou-a ela eternamente perseguida pela Fatalidade. Moça e formosa, vinda de boa família, numa boa família entrando, quis o Destino, a Sorte inexorável que não a compreendessem [...]. Muita vez disse-me trechos esparsos do romance da sua existência miseranda [...]. A luta que sustentou, a todas as horas, a todos os instantes – luta sem tréguas, combate insano – nesta vida d’imprensa!

Queria vencer, triunfar: vinha aparelhada – e bem aparelhada – com todas as armas de guerra. Desceu à arena. Desafiou. Mas ninguém levantou o guante [...]. Assim mesmo fez muito. Sozinha, abandonada, sem ninguém, confiando apenas em si, abroquelada num orgulho desmedido, conseguiu aparecer por momentos, como um meteoro fugaz, rápido fulgindo, para sumir de novo. E ela, que poderia ter sido meiga, e generosa, e boa – que talvez o fosse no seu íntimo – a sociedade fê-la má, fechou-lhe o coração [...].

Mataram-na. Morreu assassinada, covardemente, miseravelmente, numa agonia lenta, de quatro anos, talvez... Oh! Eu lhe sei bem a história! Imagino o quanto padeceu na enxovia lóbrega, onde a sociedade a encafuou, manietados os pulsos, de braga ao pé, de gargalheira ao pescoço, tolhidos os movimentos, num inquisitorial suplício! [...]

A pobre Délia morreu. Poucos dias há que baixaram à cova o seu corpo, morta a matéria, como morto já estava desde muito o seu espírito, o seu talento. Vai desaparecendo o seu nome de guerra. Raros ainda o recordam. E, dia-a-dia, há de apagar-se, cada vez mais, até se obscurecer de todo (VASCO, 1895, p.2).

Pimentel se apoia na compreensão positivista, no entendimento de que o meio corrompe, para justificar o ostracismo sofrido por Délia. A escritora teria sido tratada com indiferença pelos seus pares masculinos na imprensa. Fadada pela má sorte do destino, a autora não teria tido

forças de manter-se resistente aos ataques sofridos. Novamente a leitura metonímica da obra pela biografia. Délia teria sido despojada de sua liberdade de expressão, apartada socialmente, silenciada na escrita. Pimentel sugere que a condenação pública da artista lhe mingou o espírito, matando a autora Délia muito antes da morte do corpo de Maria Benedita Câmara Bormann.

E ainda assim, como escreveu Pimentel, a autora fez muito. Deixou-nos uma vasta obra ainda por descobrir em sua totalidade. Há vários contratempos que precisam ser mencionados em pesquisas como esta, de resgate de trabalhos de diferentes autores nos jornais. No caso específico de Délia, sua biografia ainda possui muitos vazios e não sabemos com precisão o volume dos seus trabalhos. A cada pesquisa feita, avançamos um pouco mais, incluindo informações inéditas aos trabalhos anteriores. Volpini, em sua tese, menciona a extensa produção da autora:

Além das sete obras em forma de romance que elegemos para este trabalho, as quais conseguimos localizar, conseguimos também mapear uma extensa publicação de contos e muitas crônicas, publicadas quase que semanalmente, e fruto da fecunda contribuição da autora com os principais jornais e revistas, não só da Corte, mas também de outras províncias do Império. No entanto, esses trabalhos não serão contemplados nesta pesquisa (VOLPINI, 2019, p. 58).

Infelizmente, o autor optou por não apresentar o mapeamento realizado, nem como apêndice da tese, preferindo, talvez, utilizar a pesquisa em trabalhos futuros e necessários para a divulgação da obra de Délia. Desconhecendo os vínculos da escritora com os periódicos, ou seja, em quais períodos sua colaboração se voltou para cada um, para quais escrevia simultaneamente, as pesquisas na Hemeroteca Digital têm de ser feitas de forma bastante minuciosa. O uso do pseudônimo, como única assinatura dos trabalhos, provoca outra situação repleta de empecilhos. Ao utilizarmos o termo “Délia” como palavra-chave de busca, única constante que conhecemos, nos deparamos com a seguinte realidade: para o sistema de reconhecimento artificial da Hemeroteca, que vasculha as folhas dos jornais atrás da expressão solicitada, “Délia” se assemelha na letra impressa com “della”, grafia do pronome possessivo feminino no século XIX. Apenas para dar um exemplo, nas pesquisas no periódico *O País*, para o período compreendido entre 1890 e 1899, aparecem 7488 ocorrências equivalentes. Na impossibilidade de procurarmos por termos mais específicos, posto que ainda desconhecemos os títulos dos contos de Délia, faz-se necessário consultar cada menção.

A pesquisa nem por isso esgota as possibilidades, pois às vezes, a palavra “Délia” figura na página, mas não é reconhecida pelo sistema da Hemeroteca. Outro complicador é que a regularidade das publicações é, também, desconhecida. No levantamento realizado, observamos que muitos contos da autora foram publicados às quartas-feiras, mas a localização no jornal ou mesmo o intervalo de tempo, entre um texto e outro, variava. Exemplo disso é o espaço reservado para o folhetim, no rodapé da *Gazeta da Tarde*, que se localizava na primeira folha, no ano de 1883. Muitos contos da escritora foram publicados dentro desse enquadramento, mas outros apareceram em colunas variadas na primeira página ou foram locados na segunda e na terceira páginas. Todas essas informações são passadas com o intuito de chamar a atenção para a metodologia de pesquisa,

que no caso dos periódicos, precisa ser esmiuçadora. O jornal precisa ser visto como um todo, pois alguns acontecimentos de vulto, que precisavam de maior espaço de escrita, modificavam a padronização das seções costumeiras. E se buscarmos a regularidade apenas, perderemos informação. Ao constatar que muitos títulos tinham publicação diária, com no mínimo quatro páginas cada, temos um quadro expressivo do enorme trabalho a ser realizado.

Como última observação sobre as dificuldades que precisam ser vencidas, é preciso mencionar que as coleções na Hemeroteca não estão completas, faltando às vezes muitos números e os exemplares digitalizados podem estar incompletos ou mesmo ilegíveis em alguns casos, devido à fragilidade física dos originais. Já foi mencionado aqui o exemplo da *Notícia*, para o ano de 1895, que no acervo disponível atualmente inicia-se apenas em julho.

A listagem de contos e crônicas que arrolamos não tem pretensão de ser completa, por todos os motivos já expostos, devendo ser tomada como um contributo para trabalhos vindouros. Alguns títulos estão mencionados na tese de Maria da Conceição Pinheiro Araújo, de 2008, no Anexo A (p. 264-265) ou no site de Sérgio Barcellos Ximenes, citado anteriormente. Ao todo são mais de sessenta títulos, organizados em ordem cronológica. Optamos por manter a grafia original dos títulos dos textos e dos periódicos, para facilitar a recuperação deles em possíveis pesquisas. Por vezes encontramos o mesmo conto publicado em mais de uma folha e julgamos ser pertinente juntar a informação, pois como dissemos, os jornais podem ter partes ilegíveis e é sempre oportuno poder contar com outra fonte.

	<b>Relação de contos e crônicas publicados em periódicos</b>
01	<b>Recuerdo:</b> <i>Brazil</i> , 10/10/1883, ed. 74, p. 3; <i>Correio Paulistano</i> , 12/10/1883, ed. 8147, p. 1.
02	<b>A Jorge Rodrigues:</b> <i>Brazil</i> , 24/10/1883, ed. 86, p. 3.
03	<b>Carta a Sylvio: (I)</b> – <i>Brazil</i> , 31/10/1883, ed. 92, p. 3.
04	<b>Carta a Sylvio: (II)</b> – <i>Brazil</i> , 7/11/1883, ed. 98, p. 3.
05	<b>Carta a Sindol:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 21/11/1883, ed. 272, p. 1.
06	<b>Perfil:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 12/12/1883, ed. 289, p. 1.
07	<b>Perfil:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 19/12/1883, ed. 295, p. 1-2. (O enredo não é continuação do folhetim do dia 12).
08	<b>Ó Bella Napoli:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 26/12/1883, ed. 300, p. 1.
09	<b>Uma historia de hontem:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 1/1/1884, ed. 1, p. 1.
10	<b>A Viscondessa de M.:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 9/1/1884, ed. 7, p. 1.
11	Folhetim sem título inicia com <b>“Cara Noemia”:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 16/1/1884, ed. 13, p. 1.
12	<b>A espera:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 23/1/1884, ed. 19, p. 1; <i>A Família</i> em 16/2/1889, ed. 12, p. 6-7.
13	<b>A diva de Monaco:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 25/1/1884, ed. 21, p. 1.
14	<b>A Ama:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 30/1/1884, ed. 25, p. 1; <i>A Folha da Victoria:</i> (I) 17/2/1884, ed. 65, p. 1 e (II) 21/2, ed. 66, p. 2.
15	Folhetim sem título inicia com <b>“Cara Noemia”:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 6/2/1884, ed. 30, p. 1; <i>A Folha da Victoria:</i> (I) 13/3/1884, ed. 71, p. 1 e (II) 16/3, ed. 72, p. 2.
16	<b>Pai Anselmo:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 13/2/1884, ed. 36, p. 1; <i>A Folha da Victoria:</i> (I) 6/3/1884, ed. 69, p. 1 e (II) 9/3, ed. 70, p. 1.
17	<b>O louco:</b> <i>Gazeta da Tarde</i> , 20/2/1884, ed. 42, p. 1; <i>A Folha da Victoria:</i> (I) 20/3/1884, ed. 73, p. 1 e (II) 23/3, ed. 74, p. 1.

18	Folhetim sem título inicia com <b>“Minha Noemia”</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 27/2/1884, ed. 47, p. 1.
19	<b>Brasileirices</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 5/3/1884, ed. 53, p. 1.
20	<b>O martyr da sciencia</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 12/3/1884, ed. 59, p. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 21/4/1884, ed. 81, p. 1 e (II) 24/4, ed. 82, p. 1.
21	Folhetim sem título: <i>Gazeta da Tarde</i> , 19/3/1884, ed. 65, p. 1.
22	<b>Lili</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 27/3/1884, edição 72, p. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 14/4/1884, ed. 79, p. 1 e (II) 17/4, ed. 80, p. 1.
23	Folhetim sem título <b>“Cara Noemia”</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 2/4/1884, ed. 77, p. 1.
24	<b>A perola da Bethania</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 9/4/1884, ed. 83, p. 1. <i>A Família</i> : (I) 23/11/1891, ed. 124, p. 6; (II) 5/12, ed. 125, p. 5; (III) 12/12, ed. 126, p. 2-4 e (IV) 19/12, ed. 127, p. 2-3.
25	<b>Uma soirée à rua do ...</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 16/4/1884, ed. 88, p. 1.
26	<b>21 de abril de 1792</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 23/4/1884, ed. 94, p. 1-2.
27	<b>E não era “Elle”!</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 30/4/1884, ed. 100, p. 1.
28	<b>Os deserdados da sorte</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 7/5/1884, ed. 106, p. 1.
29	<b>Sêr ou não sêr</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 14/5/1884, edição 112, p. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 25/5/1884, ed. 91, p. 1; (II) 29/5, ed. 92, p. 1 e (III) 1/6, ed. 93, p.1. Publicado com o título <b>A sensitiva</b> em <i>O Paiz</i> , 4/1/1892, ed. 3538, p. 1 e também com o título <b>A sensitiva</b> em <i>A Família</i> : (I) 30/1/1892, ed. 130, p. 4 e (II) 13/2, ed. 132, p. 4-5.
30	<b>A avó</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 21/5/1884, edição 118, p. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 8/6/1884, ed. 95, p. 1 e (II) 12 de junho, ed. 96, p. 1; <i>O Paiz</i> em 20/1/1892, ed. 3554, p. 1.
31	<b>Semper!</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 28/5/1884, ed. 123, p. 1. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 15/6/1884, ed. 97, p. 1 e (II) 19/6, ed. 98, p. 2.
32	<b>A alegria de ser pai</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 5/6/1884, ed. 130, p. 2-3. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 29/6/1884, ed. 101, p. 1 e (II) 3/7, ed. 102, p. 1.
33	<b>Difficiles Nugæ</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 11/6/1884, ed. 135, p. 1-2. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 17/7/1884, ed. 106, p. 1 e (II) 20/7, ed. 107, p. 2.
34	<b>O quantum est in rebus inane!</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 18/6/1884, ed. 140, p. 1-2.
35	<b>Amicitias tu tibi junge pares</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 25/6/1884, ed. 145, p. 1-2. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 28/8/1884, ed. 118, p. 1 e (II) 31/8, ed. 119, p. 1.
36	<b>Emma</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 2/7/1884, ed. 151, p. 2. 1; <i>A Folha da Victoria</i> : (I) 3/8/1884, ed. 111, p. 1 e (II) 7/8, ed. 112, p. 1.
37	<b>A noite de S. João</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 9/7/1884, ed. 157, p. 1.
38	<b>Res est sacra miser</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 23/7/1884, ed. 169, p. 1.
39	<b>O monge</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 20/8/1884, ed. 193, p. 1.
40	<b>Richard</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 27/8/1884, ed. 199, p. 1.
41	<b>Bertha</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 3/9/1884, ed. 205, p. 2-3.
42	<b>Laurita</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 10/9/1884, ed. 211, p. 1.
43	<b>Se ella morresse! ...</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 17/9/1884, ed. 217, p. 1.
44	<b>É absurda a logica do coração</b> : <i>Gazeta da Tarde</i> , 16/10/1884, ed. 242, p. 1-2.
45	<b>Desvio de imaginação</b> : <i>Gazeta de Notícias</i> , 3/1/1886, ed. 3, p. 1; <i>O Paiz</i> (MA), 14/3/1887, ed. 59, p. 1-2.
46	<b>A suicida</b> : <i>O Paiz</i> , 6/10/1889, ed. 1825, p. 1. <i>Corymbo</i> (RS), 30/3/1890 (n. 29, p. 2); 13/4 (n. 31, p. 2-3); 27/4 (n. 34, p. 1); 4/5 (n. 35, p. 2).
47	<b>A estátua de neve</b> : <i>O Paiz</i> , 14/12/1890, ed. 3155, p. 2 e 15/12/1890, ed. 3156, p. 2.
48	<b>Mater Dolorosa</b> : <i>A Família</i> , 2/7/1891, ed. 108, p. 2-3.

49	<b>O crime do convento de...:</b> <i>O Paiz</i> , 3, 4, 5 e 6/9/1891, ed. 3416-3419, p. 3; <i>Jornal do Recife</i> , 14, 17, 18 e 19/11/1891, ed. 260, 262, 263 e 264, p. 2.
50	<b>Sensitiva:</b> <i>O Paiz</i> , 4/1/1892, ed. 3538, p. 1; <i>A Família</i> . (I) 30/1/1892, ed. 130, p. 4 e (II) 13 de fevereiro, ed. 132, p. 4-5; <i>Gazeta da Tarde</i> , com o título <b>Ser ou não ser</b> , 14/5/1884, ed. 112, p. 1.
51	<b>Sempre a miragem:</b> <i>O Paiz</i> , 12/1/1892, ed. 3546, p. 1.
52	<b>A avó:</b> <i>O Paiz</i> em 20/1/1892, ed. 3554, p. 1; <i>Gazeta da Tarde</i> , 21/5/1884, ed. 118, p. 1.
53	<b>A caprichosa:</b> <i>O Paiz</i> , 4/2/1892, ed. 3574, p. 1.
54	<b>Um bom momento:</b> <i>O Paiz</i> , 15/2/1892, ed. 3578, p. 1.
55	<b>Um pouco do passado:</b> <i>O Paiz</i> , 20/2/1892, ed. 3585, p. 1.
56	<b>As rivaes:</b> <i>O Paiz</i> , 27/2/1892, ed. 3592, p. 1.
57	<b>O encontro:</b> <i>O Paiz</i> , 8/3/1892, ed. 3602, p. 1.
58	<b>Nevrose:</b> <i>O Paiz</i> , 17/3/1892, ed. 3611, p. 1.
59	<b>Amor e vilania:</b> <i>O Paiz</i> , 25/3/1892, ed. 3619, p. 1.
60	<b>Os primos:</b> <i>O Paiz</i> , 31/3/1892, ed. 3625, p. 1.
61	<b>Não olvidada:</b> <i>O Paiz</i> , 9/4/1892, ed. 3633, p. 1.
62	<b>Therezita:</b> <i>O Paiz</i> , 16/4/1892, ed. 3640, p. 1.
63	<b>Metamorphose:</b> <i>O Paiz</i> , 25/4/1892, ed. 3646, p. 1.
64	<b>Heroismo:</b> <i>O Paiz</i> , 29/4/1892, ed. 3652, p. 1.
65	<b>Madame de Z.:</b> <i>O Paiz</i> , 7/5/1892, ed. 3659, p. 1.
66	<b>Triste reverso:</b> <i>O Paiz</i> , 14/5/1892, ed. 3665, p. 1.

\*Encontramos a referência na *Gazeta da Tarde*, de 11/1/1884, ed. 9, p. 1, sobre um folhetim de Délia intitulado “Ave Maria”, que teria sido transcrito na *Gazeta de Caldas* sem atribuição de autoria. Não conseguimos recuperar o texto. O mesmo aconteceu sobre “Uma história antiga”, que teria sido publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1887, folhetim mencionado por Telles.

A listagem revela quanto material de Délia ainda há para ser trabalhado, analisado e recolhido apropriadamente. As datas de publicação não podem ser confundidas com as datas de escrita dos textos. Exemplo disso é o conto “Sensitiva” que figurou em 1892, n’*O País*, entretanto, o texto já havia sido publicado em outro periódico, a *Gazeta da Tarde*, em 1884, com título diferente. Com esta breve apresentação da obra de Délia e de sua contextualização, podemos tratar dos quatro folhetins epistolográficos, escolhidos como *corpus* deste artigo.

## CARTAS PARA NOEMIA

O primeiro texto foi publicado em 13 de janeiro de 1884, na *Gazeta da Tarde*, no rodapé da primeira página, espaço normalmente reservado ao folhetim. O formato evidencia uma suposta troca de cartas entre Délia e a amiga, também residente no Rio de Janeiro, como fica evidenciado pelo início da escrita, destituída de título: “Cara Noemia, beijo-te mil vezes, agradecendo as linhas que me escrevestes: sentia tanta saudade de ti, de tuas palavras, do teu perfume e tudo isso desfrutei com a tua cartinha! Tens razão: estamos na mesma cidade e, no entanto, bem afastadas: moras tão longe e eu vivo tão ocupada!” (ed. 13, p.1).

Poucos textos históricos nos parecem tão familiares, ou tão atrativos para ler, como cartas pessoais ou diários. Reveladores, parecendo emergir diretamente do escritor, criam um elo

invisível de intimidade e de cumplicidade atemporais, aproximando-nos de outras individualidades, de passados completamente diferentes dos nossos. Toda correspondência pressupõe o diálogo com um interlocutor, um destinatário, sendo a essência dialógica o elemento indispensável de sua constituição. Escrever a outrem garante o caráter de comunicabilidade social da correspondência, como se o ciclo da escrita apenas se efetivasse com a leitura do texto feita pelo outro, a quem verdadeiramente se destina.

Entretanto, há uma consideração que se faz necessária quando lidamos com a epistolografia (ficcional ou não). O “eu” que escreve molda-se ao “outro” destinatário, paradoxalmente ausente. O grau de intimidade entre as partes, as intenções presentes na escrita, o contexto de sua redação, fomentam um jogo de representação e engendram várias versões possíveis, e por vezes completamente diferentes, do remetente. O aspecto autêntico, supostamente verdadeiro, deve sempre ser questionado, pois as tensões entre real e ficcional, entre público e privado, entre literatura e documento estão no cerne das escritas de si.

Na sequência do texto, temos a primeira passagem que nos faz afirmar que a pessoa por trás da escrita é a própria Délia. Após tecer considerações sobre a importância da amizade e sobre alguns momentos tristes e amargurados da sua vida, que se diferenciavam sobretudo à existência pacífica e venturosa de Noemia, lemos:

Ri-me, caro bem, pela tua cólera de criança e pela indignação do teu dedicado coração: então, sofres muito pelo que dizem a meu respeito? Adorável criatura! [...] Dizes que um *quidam* qualquer exclamara, ao ler *Aurélia*, que eu não passo de uma copista de George Sand e te amofinas por isso? Mas, meu anjo, esse dito, que qualificas de maldade, enche-me de prazer, causa-me louca alegria. Imagina que eu duvidava de *Aurélia* e que a lançara ao público, com os terrores da mãe que se desprende do filho querido, afim de o deixar seguir sozinho, ignorando o valor ou a inépcia desse objeto da sua ternura! E abominas esse *quidam* que sossegou o meu materno ansiar e acalentou as minhas insensatas esperanças? Copista de George Sand! Que glória! Nunca ousei ambicionar tanto! É este o maior elogio que tenho tido e o maior triunfo que jamais alcançarei! Então, *Aurélia* não é tão pobre como eu pensava, pois é preciso muita coisa para evocar a sombra luminosa de Sand! Oh! Desconhecido *quidam*, com que delírio eu te abraçaria e como ficarias comovido! (Ed. 13, p. 1).

As comparações entre Délia e a escritora francesa George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant (1804-1876), são frequentes na crítica da época. Ambas as autoras nomearam os seus romances com nomes simples de mulheres e escreveram sobre a luta feminina por uma sociedade mais igualitária e livre para o chamado “belo sexo”.

Como mencionado anteriormente, o texto epistolográfico precisa ser tratado com cautela. A autora se mostrava insegura sobre o seu próprio fazer artístico, preocupando-se com a recepção do romance *Aurélia*. A suposta incerteza sobre a qualidade do trabalho pode ser apenas uma “máscara” de modéstia, afinal a “correspondência” tinha por fito a publicação no jornal e qualquer outra atitude poderia ser tomada como uma exacerbação de orgulho (não podemos nos esquecer

que Délia seria acusada desse traço de personalidade nos textos dos necrológios já comentados). Ao saber que um homem qualquer havia lhe acusado de copiar o estilo de Sand, a autora se mostra pacificada em suas angústias, uma vez que a admiração pela obra da francesa estava consolidada.

Minha Noemia, julgavas que eu quisesse somente elogios? Não! Nem elogios imerecidos, nem o desolador silêncio da indiferença: desejo, ardentemente, censuras, sarcasmos, críticas, e, se tal não sucedesse, creio que eu mesma forjaria invectivas contra mim.

A luta é o meu elemento e, se fosse muito fácil escrever bem, eu desistiria de semelhante vulgaridade. [...] A tua existência calma e risonha é o ideal de toda a mulher de coração, mas ninguém determina o seu destino, minha filha, e, às vezes, já é muito sobreviver ao naufrágio da própria sorte!

Um dia, depois de medonha catástrofe, vi-me só, faminta, doente, sentada sobre os destroços do que constituía a minha vida e, como irrisão ou consolo, havia um livro entre meus dedos crispados. Olhei-o, estupidamente, remirei-o e li, ao acaso, algumas páginas: esqueci a fome, a sede, a miséria e auri nessas linhas o alimento dos fortes, dos que se erguem pálidos e ousados para afrontar e não para sucumbir de novo. Ergui-me, caminho e lutarei!

Das nossas existências a tua é a preferível: tem o sol, a alegria, a paz, a maternidade, as santas expansões do lar e a suprema quietação da alma! A minha é sombra, trabalhosa, inquieta, febril, lugubrememente iluminada pelos clarões de momentâneo triunfo: escuro caos, onde somente ecoam sarcásticas gargalhadas! Amas o teu paraíso e eu adoro o meu inferno! A tudo nos habituamos! Vive em plena luz, eu sorrirei na treva, contente com a maldição! (IDEM)

Este fragmento sugere que a escritora de fato passou por alguma situação bastante dramática em sua vida pessoal e que a escrita, de certa forma, transformou-se no meio canalizador de expressão da sua resistência e reconstrução enquanto ser cindido pelos acontecimentos. Isto não equivale a dizer que devemos procurar referências autobiográficas em seus romances ou contos. Apenas que a arte se mostrou uma via possível de enfrentamento das dificuldades pelas quais passava. A autora também constrói uma justificativa para a sua escrita que, por vezes, é bastante cáustica e irônica:

A humanidade divide-se em dois grupos: uns choram e outros riem: chorei em demasia, resolvi, pois, rir, doravante. Pertenci aos adeptos de Jeremias e, hoje, sou sectária de Rabelais *et pour toujours, en cette ríe et en l'autre!*

Nesta minha seita é um rir contínuo que pode se tornar delícia ou tortura, tal é a sua intensidade e a sua agudeza em apanhar, rapidamente, todos os ridículos humanos.

É um espetáculo digno dos deuses, e cuja vista, tu, alma angélica, não suportaria, nem por um momento! Às vezes, adoço de tanto rir: o que mais me diverte, atualmente, são as críticas literárias: este é incorreto; aquele, pobre de ideias; fulano, plagiário; sicrano, prolixo; beltrano, moço bonito; enfim, ninguém presta, a não ser o que fala na ocasião (IDEM).

Ao recuperar o nome do escritor francês renascentista, François Rabelais (1494-1553), autor de *Pantagruel* e *Gargântua*, a escritora evoca o humorismo satírico, ambivalente, por vezes paródico e grotesco tão característico nas obras rabelaisianas. A máscara de que se apropria na escrita, expressa o seu descontentamento com a sociedade coeva e denuncia o aparato faustoso com o qual se sustentava. O período histórico em que vive, de importantes transformações políticas e sociais, que culminaria nos anos seguintes na abolição e na proclamação da República, produzia sujeitos divididos entre a ostentação mantenedora de certas tradições e representações e a consciência flexível de que as mudanças eram inevitáveis. A autora também se ressentia da superficialidade da crítica literária que era produzida cotidianamente nos jornais. A celebração de certos nomes em detrimento de outros pautava-se, como diz ironicamente, nos atributos que não resvalavam a escrita que deveria ser analisada, mas recaía no sujeito que a produzia e, sobremaneira, dependia da rede de relações influenciáveis que o autor possuía na mídia impressa, como constatamos no seguinte fragmento:

Os *severos juízes* porém, nada escrevem, sem consultar algum amigo complacente, que enfeita a *marionete*, dando-lhe a feição conveniente. Depois da boneca arranjada, os autores apresentam-na à admiração dos contemporâneos e, com soberania, concedem foros de sapiência a um ou outro favorito. *Farceurs!* (IDEM).

No segundo folhetim, de 6 de fevereiro, Délia discorre sobre um passeio a cavalo, cujo destino era o Corcovado, que teria feito com um grupo dias antes. A narrativa traz algumas considerações bastante cáusticas das pessoas envolvidas e evidencia o desconcerto e o sentimento conflituoso nascidos da sensação de ser essencialmente diferente em espírito, no intelecto e nos valores morais que defendia:

Fui obrigada a acordar cedo, o que não me agrada muito, mandei selar o meu *Zampa* e parti para a praça do Duque de Caxias, ponto, onde todos os convidados se deviam reunir. Às 6 e meia da manhã, estavam todos presentes e um histrião, como os há em toda parte, deu o sinal da partida. Senti-me irresoluta: de um lado as mulheres, do outro os homens: hienas e lobos, o que escolher?

- Avante! Exclamei, incitando o bom *Zampa*.

Tomei-lhes a dianteira, desejosa de que houvesse um sexo neutro. O meu brioso animal compreendera a nervosa alteração da minha voz e levara-me para longe daquelas feras (Ed. 30, p. 1).

A comparação dos homens como lobos e as mulheres como hienas aparecerá também no seu romance *Lesbia*, publicado em 1890. Na essência imagética temos a concepção dos homens como predadores agressivos e a associação das mulheres se faz pelo ulular dos animais, o som gutural representativo do riso debochado. Também seriam predadoras impiedosas, mas de outra natureza. A manifestação arrojada do desejo de que houvesse um sexo neutro guarda em si, múltiplas interpretações: desde o simples destoar entre aquelas pessoas, que simbolicamente representavam uma camada social específica, até um conflito mais profundo de gênero e sexualidade. O texto

segue com referências pouco lisonjeiras aos homens e às mulheres presentes. Os cavalheiros eram, sem exceção, néscios, estúpidos, adutores vazios e pomposos, arrogantes e muito confiantes de si mesmos. O grupo das damas era mais variado, “havia ali de tudo: gordas, magras, pálidas, coradas, hipócritas e levianas: todas as *nuanças*”. Os homens a desejavam fisicamente; as mulheres manifestavam abertamente o desgosto que sentiam com a sua presença. Para nenhum deles era desconhecido que Délia era Maria Benedita Bormann. O folhetim recebeu algumas reações negativas na época. Na *Gazeta Literária*, de 17 de fevereiro, Urbano Duarte, assinando um breve e irônico texto com as iniciais U.D., manifestava o seu incômodo com a generalização feita pela escritora:

Quem tiver estudado um pouquinho o caráter feminino, não hesitará em afirmar que os ódios de Délia nascem do despeito, do capricho, de uma paixão infeliz, de qualquer sentimento exclusivamente pessoal. As mulheres não têm o dom da generalização, não sabem formular teses, ignoram absolutamente o meio de abstrair da própria personalidade para dar a palavra à razão e ao bom senso.

Possuem, por natureza e por cálculo, um egoísmo feroz, intransigente, hipócrita, implacável. Tudo referem à sua pessoa, para elas o mundo nada mais é do que um teatro onde possam mostrar a sua beleza e prendas; guerras, devastações, pestes, fomes, secas, inundações, serão muito bem vindas, se do resíduo destas calamidades elas puderem tirar um enfeite para os seus cabelos ou um atavio que as torne mais belas aos olhos de um Alfredinho qualquer. [...]

Os homens lobos, as mulheres hienas!!! Sem exceção! Eu, cronista, tu leitor, vós, leitora, nós cidadãos, eles, homens e mulheres, todos somos lobos e hienas!

Só se salvam da pecha Madame Durocher e o sr. Rego Macedo. Será tanta acrimônia e malevolência o resultado de uma convicção, de um princípio, de uma filosofia?

Que esperança! Apesar do risco que corro de ser taxado de parvo pela formosa romancista, dou-lhe um conselho a benefício de inventário: - Pense e sinta por si, sem recorrer aos caprichos infantis e inconseqüências lastimáveis da ilustre autora da *Lélia* e da *Consuelo*.

Digo-lhe isto com a sinceridade de um ... lobo (DUARTE, 1884, p. 197).

A crítica de Duarte é misógina e extremamente preconceituosa. Além do juízo fútil que faz das mulheres, usando a “ vaidade ” feminina exacerbada como justificativa para a suposta incapacidade intelectual, o autor ainda ofende duas pessoas nomeadamente. A Madame Durocher, primeira mulher a ser membro titular na Academia Imperial de Medicina – que utilizava roupas e corte masculino para exercer o seu trabalho de requisitada parteira e o Sr. Rego Macedo, diretor do hospital militar, cuja sexualidade era questionada em poemas jocosos de Laurindo Rabelo. Duarte arremata o texto aconselhando Délia a não tomar como exemplo George Sand, autora dos romances *Lélia* e *Consuelo*.

Voltando ao folhetim de Délia, a escritora dá indícios de que sua carreira literária era motivo para ofensas veladas, o que fica manifesto quando se junta ao grupo de mulheres e é recebida com o seguinte comentário: “- Ora! Até que enfim, veio honrar-nos com a sua companhia! Délia prefere

o sexo forte, porque é mais instruído e pode melhor compreendê-la! Disse uma hienazinha, fresca e pérfida”. Após a troca de algumas farpas impiedosas, na parada que fizeram em Paineiras para merendar, um “néscio, todo perfumado” se aproximou da escritora e após algumas “blandícias”, apontando para um sujeito, disse:

- Sabe o que ele diz a quem o quer ouvir? [...] Afirma que a senhora a ele deve os seus romances e que faz mais que colaborar.

Soltei convulsa gargalhada, provocada pelo ridículo e pela indignação e, se é possível admitir que o riso açoite, o meu rir açoitava. [...] Calma, fitei o meu olhar naqueles olhos turvos e lentamente, disse: - Pois o senhor crê que no século XIX, especialmente egoísta e interesseiro, alguém desista da mínima parcela de superioridade, em favor de outrem? Se esse orangotango pudesse escrever romances, julga que deixaria de os firmar com o *ilustre* nome? Quem acreditar nisso será tão estúpido quanto ele!

- Eu não acreditei, juro-lhe! Respondeu-me o *caften*.

- Acredita! Primeiro, porque alguém do seu sexo o disse, segundo, porque o senhor pensa talvez que isso me prejudica! Engana-se! O que escrevo, bom ou mau, traz o meu cunho e não a contrafação! Repliquei.

[...] Dei-lhe costas e fui tomar parte na merenda. O que dirás agora a isto, cara Noemia, tu, que te amofinaste, porque um *quidam* dissera-me copista de George Sand? Já nem sou autora do que escrevo! Enfim, há males que vem para o bem! Se me querem usurpar essas pobres produções é que elas valem alguma coisa! Sim, ninguém me convencerá do contrário! Ainda bem! Seja tudo pelo amor da literatura! Trabalha-se dia e noite, enchendo tiras de papel, suportando um calor medonho e no fim da história, o que dizemos não é nosso!

Ora essa! Além de tanto labor, teremos de disputar os romances à unhas e dentes? Mais vale plantar couves, já que esta terra é essencialmente agrícola! Adeus, Noemia, vou decididamente para a horta! (Ed. 30, p. 1)

A usurpação hipotética de autoria dos romances de Délia, por um homem, tangenciava, invariavelmente, a qualidade dos textos, como bem o compreendeu a escritora. Nesse sentido, recuperando a dúvida já mencionada do sexo por trás do pseudônimo e o elogio ao “espírito másculo” da obra de Bormann, temos uma realidade pungente que invalida a capacidade intelectual de uma mulher urdir uma narrativa de qualidade literária inquestionável. E naquele contexto histórico, assoma ainda a sugestão injuriosa de Délia ser amante do suposto “autor verdadeiro” de seus romances, conspurcando não apenas a sua honra, mas, também, a sua ética e o seu nome.

Os preconceitos que gravitavam em torno de uma mulher autora aparecem de forma bastante interessante no terceiro folhetim, datado de 27 de fevereiro. O carnaval havia terminado. Na carta, Délia conta que na terça, após ter acordado com os seus “*bleu-devils*”, ela resolveu aborrecer-se no “meio daqueles desgraçados loucos, que encobrem o rosto para se divertir”. Assim, à noite, ela vestiu “um *dominó* preto”, ocultou a “máscara quotidiana com outra de cetim negro” e foi ao teatro. Logo, um conhecido seu se aproximou, o Soares, e sem reconhecê-la, contudo, conduziu-a, com a sua permissão, ao jardim, na esperança de conseguir uma conquista amorosa. Soares, ao perceber

que não possuía a atenção completa da dama, questionou enciumado se ela esperava por alguém, ao que Délia respondeu que apenas observava o redor. Ele lhe perguntou “com laivos de ironia” se ela pretendia escrever as suas impressões e então tem início uma curiosa experiência. A escritora, ao constatar que a sua identidade estava protegida e permanecia incógnita, replicou:

- Não dou para isso e acho muito desfrutáveis as mulheres que escrevem; não pensa do mesmo modo? Interroguei.

- Sem dúvida! A pena é para os homens, a missão da mulher é outra! Respondeu com supremo desdém.

- Sou da sua opinião: as mulheres devem dividir-se em dois grupos: as que dançam *can-cans* e alegam os homens e as que têm obrigação de procriar. Umam representam o prazer do riso, as outras o dever e a perpetuação da espécie. As primeiras cantam, sorriem, bebem o gozo em largos haustos e, quando chega a velhice ou a moléstia, acabam no hospital. As últimas recebem os restos das primeiras, suportam as dores e os desgostos da maternidade, desvivem-se na prole, aturam as grosserias maritais, guiam os filhos até à idade, em que as abandonam por sua vez e correm para junto das sereias, que dançam e sorriem sempre. Nesse contraste há mesmo um fundo filosófico: é a luta do princípio e do fim, da criação e da decomposição, da vida e da morte! Devemos ter somente duas classes – as mulheres que dançam e as mulheres que parem: toda e qualquer exceção a estes dois modos de ser, deve banir-se, como utopia e princípio discordante no equilíbrio social. Portanto, guerra e morte às mulheres, que se afastem dessas duas espécies! Que morram, queimadas vivas, para que nada reste de semelhantes aberrações. Mas, que diabo! Pode também suceder o mesmo que aconteceu outrora nas fogueiras da inquisição: queimava-se o corpo dos mártires de uma grande ideia, a matéria carbonizava-se, a efigie humana desaparecia, porém a força da convicção que os alentara não morria [...] (Ed. 47, p. 1).

E, segundo a escritora, ao lembrar-se de que falava com um néscio, continuou:

- Revolta-me a petulância de certas criaturas: além de todos os nossos ridículos, aparece-nos mais um, encarnado nessa Délia, uma *preciosa* para quem desejo um Molière, que a reduza a zero!

- É verdade! Essa desfrutável fala contra os homens e não poupa as mulheres: deve ser alguma solteirona feia, rabugenta, despeitada com o celibato e invejosa da alheia beleza! Exclamou ele.

- É uma histérica endemoninhada! Deem-lhe duchas geladas! Disse eu, rindo, francamente.

Senti verdadeiro prazer em ouvir aquelas diatribes: era a primeira vez que me diziam em face e tudo devido à máscara que me ocultava o rosto: lastimei não poder trazê-la sempre: seria tão divertido! (IDEM).

São várias as camadas que a ideia de máscara permeia nesse discurso: 1. Maria Benedita Bormann se utiliza de um pseudônimo; 2. A máscara social que diz vestir cotidianamente; 3. A máscara física que lhe oculta a identidade; 4. A própria escrita do folhetim. Quanto haverá de

verdade e ficção no texto? É sempre oportuno não perdermos de vista estas considerações. Seja como for, Délia usa a sua fala como uma isca para obter de um homem, uma resposta franca, sobre um tema que lhe era caro: a escrita feminina e as considerações que o sujeito faria de si. Fica evidente em sua fala inflamada e eloquente o pensamento balizador do papel social que as mulheres deveriam ter obrigação de desempenhar. De um lado ficariam as mulheres puras, honradas, no ambiente doméstico, dedicadas aos maridos, aos filhos e à casa; do outro, todas as que escapavam a esse vaticínio e que, portanto, eram estigmatizadas como “desfrutáveis”, invejosas, despeitadas e, claro, histéricas, a construção ideológica mais misógina do século XIX. Santas ou devassas; passividade erótica na vida conjugal ou liberdade dos desejos e da própria sexualidade; submissão e aniquilamento do eu ou autonomia de pensamento, de realização pessoal e consequente marginalidade social. Eis os dois cativeros oitocentistas em que se dividiam as mulheres.

Por fim, no último folhetim datado de 2 de abril, a escritora retoma como assunto a crítica literária. “Brasileirices”, de sua autoria, havia sido publicado na *Gazeta da Tarde*, em 5 de março e havia provocado uma onda de reações negativas<sup>7</sup>. O texto, espécie de crônica, condenava: a falta de asseio dos lares brasileiros; a vida ociosa e desocupada de muitas mulheres, representadas na figura da fictícia D. Manuela e a falsidade das amizades “de ocasião”. Na conversa epistolográfica com Noemia, Délia comenta que os homens eram mais livres e que estavam dispensados de passar por certas situações. Isso os fazia:

Felizes porque não têm a mania de escrever e não estão expostos à crítica dos *soi disant* homens de letras! Sabes as *Brasileirices* causaram vários descontentamentos, isto é, feriram algumas suscetibilidades, mas o que fazer? [...] Há muito tempo que me habituei a formar a minha opinião sobre o que escrevo, e não me deixo levar pela inclemência de quem quer que seja. [...] As palavras impolidas ou cortesias que me dirijam sobre este assunto, não mudarão o meu juízo, demais, [...] escreverei sempre o que me aprouver.

[...] Pense como Victor Hugo, quando diz que a crítica não tem o direito de arguir o autor sobre a sua fantasia, nem de inquirir porque preferiu este assunto, aquela cor, ou colheu à esta árvore e bebeu naquela fonte. O trabalho é bom ou mau: eis o domínio da crítica.

Demais todos os assuntos servem: o que há são maus e bons escritores. A crítica deve examinar como se trabalhou e não sobre o quê e porquê.

Ah! Noemia! Como me dói este atraso de um século, em que ainda permanece o Brasil!

Que homens! Que ideias! Que puerilidades! Passam os dias a fazer espírito sobre o estrabismo de um ministro, a altura de outro, a elegância ou qualidade do fato de qualquer homem de posição e isso com o afincado de latejante inveja e visível pequenez de alma e de inteligência. Que lástima!

E quando esgotam a Musa nestas três grandes questões, voltam o olhar entornado e atiram-se às *Brasileirices*, ou a qualquer outro escrito, dizendo parvoíces ou obscenidades; pois são os dois gêneros prediletos (Ed. 77, p. 1)

<sup>7</sup>Um exemplo é o texto de “Eloy, o Herói”, pseudônimo de Arthur Azevedo, publicado no *O Mequetrefe*, de 10 de março de 1884, ed. 337, p. 6.

O primeiro ponto que pede um comentário é que nesse folhetim vemos um posicionamento bastante firme da escritora sobre a tese defendida em seu texto. Aqui não vemos qualquer vestígio da insegurança manifesta na primeira carta, sobre a qualidade estética do romance *Aurélia*. Ao contrário, a autora deixa bem claro que sua escrita é refletida, portanto, não é fruto de um impulso ou de uma leviandade. Além disso, Délia expressa com bastante clareza o seu entendimento sobre o papel da crítica literária, tema já abordado no segundo folhetim. A censura que faz aos “homens de letras” volta-se sobre a fragilidade da argumentação, sobre a retórica vazia e desprovida de substância analítica. Os críticos se perderiam em questionamentos inúteis, escapando-lhes, por completo, a importância do processo, em meio ao qual *como* se escreve prepondera sobre *o que* se escreve. Délia também verbaliza que a crítica era muito mais acintosa com as mulheres escritoras do que com os homens e se ressentia do atraso intelectual em que estava mergulhado o Brasil.

Felizmente, a autora não se deixou intimidar e seguiu produzindo contos e romances até a sua morte, onze anos depois desse texto. A crítica, na primeira metade do século XX, foi ainda mais castradora, extirpando o seu nome da história da literatura. É impossível escrever, nesse momento, qualquer consideração final, pois o trabalho de desvelamento dessa autora, dessa identidade literária, ainda está em construção por muitos estudiosos. Este artigo buscou contribuir nesse processo de resgate com alguns elementos específicos. No fim, Délia tinha toda razão. Seguimos com um atraso que, agora, já passa de mais de um século.

## REFERÊNCIAS

ALGERANA, V. de (anagrama de Alvarenga Fonseca). Por alto. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 de ago. 1895, ed. 3648, p. 1.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Movimento literário do ano de 1893 – o crepúsculo dos povos. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Vol. III – 1895-1900. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1963, p. 105-193.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: as tessituras de Inês Sabino e Délia*. 2008. 277 fl. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRANCHER, Ana Lice. Uma outra possibilidade de ser/ler mulher: Délia. In: MUZART, Zahidé L. (org). *Revista Travessia* (Mulheres - séc. XIX), Florianópolis, n. 23, p. 91-97, 2. sem. 1991.

CIDADE DO RIO. *Délia*. Rio de Janeiro. 1 de ago., 1895, ed. 173, p. 1.

DÉLIA (pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann). Sem título. In: *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 16 de jan. 1884, ed. 13, p. 1; 6 de fev. 1884, ed. 30, p. 1; 27 de fev. 1884, ed. 47 e 2 de abr. 1884, ed. 77, p. 1.

D. JAYME. Mulheres Célebres: Délia. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 4 de set., 1937, ed. 36, p. 50.

- DUARTE, Urbano. Sem título. In: *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro, 17 de fev. 1884, ed. 9, p. 196-197.
- L.S. (assinatura de Ferreira de Araújo). Délia. In: *Gazeta de Notícias*, 31 de jul., 1895, ed. 212, p. 1.
- OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher riograndense*. I série. Escriitoras mortas. Porto Alegre: Oficina Gráfica da Livraria Americana, 1907.
- PASQUARELLI. Sabatina. In: *Diário do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de mar., 1884, ed. 60, p.2.
- RAGO, Margareth. Cultura e tradição literária no Brasil (1900-1932). In: SWAIN, Tânia Navarro; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (Org.). *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas*. Florianópolis: Mulheres, 2005, p. 195-216.
- SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1899. Edição fac-similar. Florianópolis (SC): Editora Mulheres, 1996.
- TELLES, Norma. Coleção Rosas da Leitura. Obras de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). Disponível em <[http://www.normatelles.com.br/colecao\\_rosas\\_de\\_leitura.htm](http://www.normatelles.com.br/colecao_rosas_de_leitura.htm)> Acesso em 26 de junho de 2020.
- \_\_\_\_\_. Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). In: MUZART, Zahidè Lupinacci (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis (SC): Editora Mulheres, 1999, v.I.
- VASCO, Heitor (pseudônimo de Figueiredo Pimentel). Délia. In: *A Notícia*, Rio de Janeiro, 15 de ago., 1895, ed. 210, p. 2.
- VOLPINI, Javer Wilson. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia: tradição e ruptura*. 2019. 206 fl. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2019.
- XIMENES, Sérgio Barcellos. *Um folhetim inédito de Délia: o crime no convento de...* (1891). 2020. Disponível em <<https://medium.com/@sergiobximenes/um-folhetim-in%C3%A9dito-de-d%C3%A9lia-o-crime-do-convento-de-27b54c932d2b>>. Acesso em 3 de julho de 2020.

**Claudia Barbieri**

---

Desde 2017 é professora adjunta de Literatura Portuguesa no ICHS (UFRRJ). Doutora (2012) e Mestre (2008) em Estudos Literários pela FCLAr (UNESP). Arquiteta e urbanista graduada pela FAAC (UNESP). Tanto a dissertação, quanto a tese, versaram sobre as relações entre a cidade de Lisboa e a obra do escritor José Maria Eça de Queiroz. Tem trabalhado essencialmente com estudos oitocentistas, sendo integrante do Grupo de Pesquisas Jornalismo e Literatura, Endereço eletrônico: [barbiericlaudia.cb@gmail.com](mailto:barbiericlaudia.cb@gmail.com)

*Recebido em 10/09/2020.*

*Aceito 10/11/2020.*